

A INCLUSÃO DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LINDOMAR DOS REIS SHIMODA

Vitória, 2020

Mestrado Profissional em
Educação Física em Rede Nacional (PROEF)

REALIZAÇÃO

Universidade Federal Do Estado Do Espírito Santo
Departamento De Educação Física
Programa De Pós-Graduação Profissional Em Educação Física

AUTOR

Lindomar dos Reis Shimoda

SUPERVISÃO GERAL

Prof. Dr. Antônio Carlos de Moraes

REVISÃO DE TEXTOS

Tânia Brittes Ottoni Valias

ILUSTRAÇÕES

Google Imagens

VITÓRIA – ES
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S556i Shimoda, Lindomar dos Reis.
A inclusão de um aluno com Síndrome de Down nas aulas de
educação física / Lindomar dos Reis Shimoda, Supervisão geral
Antonio Carlos de Moraes. – 2020.
61 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: <<http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>>

1. Educação física. 2. Inclusão escolar. 3. Síndrome de Down.
4. Jogos. I. Moraes, Antonio Carlos. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III.
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
Aula 01: Bolinha de Gude	3
Aula 02: Corrida do Ovo	6
Aula 03: Mãe da Rua	9
Aula 04: O Gato e o Rato	11
Aula 05: Pique Bandeira	14
Aula 06: Corrente que pega gente	17
Aula 07: Corrida do Bastão	19
Aula 08: Cabra Cega	21
Aula 09: Barreira	23
Aula 10: Cesta Fugitiva	26
Aula 11: Cabo de Guerra	28
Aula 12: Corrida do Saco	30
Aula 13: Pula Corda	33
Aula 14: Handebol de Baliza	35
Aula 15: Jogo dos 10 Passes	37
Aula 16: Pique-Pega	40
Aula 17: Futebol de Casal	42
Aula 18: Coelho sai da toca	44
Aula 19: Corrida de Jornal	46
Aula 20: Corrida do Lenço	48
Aula 21: Vôlei Lençol	50
Aula 22: Cesta Humana	52
Aula 23: Passar o arco pelo corpo	54
Aula 24: Elefante Colorido	56
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	59

APRESENTAÇÃO

Este produto, desenvolvido no âmbito do programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), surgiu como resultados da busca por práticas pedagógicas que possibilitassem a inclusão no ensino dos Jogos e Brincadeiras Populares nas aulas de Educação Física escolar.

O interesse por este tema surgiu de minha experiência profissional, no início da prática da licenciatura na Educação Básica da rede estadual do Espírito Santo, em 2017. Nessa ocasião, observei que alunos com Síndrome de Down e outras deficiências ficavam isolados, longe dos demais e andando solitários pela escola. Ao perceber essa realidade, senti-me profundamente incomodado.

O momento crucial que marcou o comprometimento para com o assunto ocorreu quando, certo dia, um aluno com Síndrome de Down ficou observando atentamente a minha aula. Apesar de não pertencer à turma, permiti que assistisse às práticas. Percebi, então, que despertou no aluno certo interesse pelas aulas de Educação Física, bem como empatia com a atividade desenvolvida. Depois desse dia, busquei pensar em estratégias viáveis para possibilitar a inclusão deste aluno e de outros em situação parecida.

A outra experiência no mesmo sentido aconteceu na escola da rede municipal de Ensino Fundamental *Barúla dos Santos Neves* – Aracruz/ES. Um dos alunos do 5º ano era cadeirante, pois tinha deficiência física e paralisia cerebral. Por esse motivo, não era aceito pelos colegas e ficava sob os cuidados de uma estagiária. Ele participava pouco das atividades da escola, principalmente das aulas de Educação Física. Diante dessa situação, busquei conscientizar a turma sobre a importância da participação desse aluno nas aulas. Também, almejei arduamente por estratégias que pudessem ser inseridas nas práticas de ensino para incluí-lo nas atividades junto à turma.

Então, a partir da observação única e próxima de um aluno com Síndrome de Down (SD) matriculado na turma do 6º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental *Zaira Manhães de Andrade* – Cariacica/ES, busquei elaborar atividades de jogos e brincadeiras que possibilitassem o desenvolvimento de uma proposta

pedagógica de intervenção para a inclusão de um aluno com Síndrome de Down nas aulas de Educação Física. De acordo com Prieto (2006, p. 40):

“[...] o objetivo na inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora da aprendizagem. [...] a ênfase deve recair sobre a identificação de suas possibilidades, culminando com a construção de alternativas para garantir condições favoráveis à sua autonomia escolar e social, enfim, para que se tornem cidadãos de iguais direitos.”

Como resultados, apresento aqui as vinte e quatro aulas desenvolvidas durante esse processo, com base em sete procedimentos didático-metodológicos pensados de acordo com algumas experiências publicadas no site Diversas: educação inclusiva na prática, quais sejam: roda de conversa com a turma sobre a brincadeira; explicação das regras do jogo; incentivar a criança PAEE a participar das atividades; trabalho colaborativo da turma com o aluno PAEE; colocar o aluno PAEE como protagonista na brincadeira; flexibilização na brincadeira proposta; acompanhar o aluno PAEE durante as atividades. As aulas desenvolvidas foram as seguintes:

Aula	Atividade	Aula	Atividade
1	Bolinha de Gude	13	Pular Corda
2	Corrida do Ovo	14	Handebol de Baliza
3	Mãe da Rua	15	Jogo dos 10 Passes
4	O Gato e o Rato	16	Pique-Pega
5	Pique Bandeira	17	Futebol de Casal
6	Corrente que pega a gente	18	Coelho Sai da Toca
7	Corrida do Bastão	19	Corrida de Jornal
8	Cabra Cega	20	Corrida do Lenço
9	Barreira	21	Vôlei Lençol
10	Cesta Fugitiva	22	Cesta Humana
11	Cabo de Guerra	23	Passar o Arco pelo Corpo
12	Corrida do Saco	24	Elefante Colorido

Espero que este material possa incentivar, inspirar e conduzir a prática pedagógica de outros professores que, assim como eu, preocupam-se com a inclusão de crianças com deficiência. Desejo uma ótima leitura!

Lindomar dos Reis Shimoda

Aula 01: Bolinha de Gude

Material necessário: bolinha de gude e giz

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira de caráter lúdico e divertido que envolve a todos e promove a socialização dos educandos, melhorando o processo de ensino aprendizagem.



Fonte:

<https://www.obrasileirinho.com.br/brincar-criancas/brincadeira-bola-de-gude/>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma para explicar a atividade e as regras do jogo;
- Mediar a atividade, caso os alunos apresentem alguma dificuldade ocorra algum conflito.
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Iniciei a aula organizando a turma em um círculo a fim de realizar uma *roda de conversas* para apresentar o conteúdo a ser ministrado. O objetivo da roda de conversa, então, é fornecer informações e preparar os alunos igualmente para a prática, inclusive o aluno com Síndrome de Down, de forma que possam compreender a atividade e serem autônomos, participativos e ativos no jogo, conforme o que propõe

a escola inclusiva, de acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p.11-12):

O princípio fundamental da escola inclusiva é o de que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. Na verdade, deveria existir uma continuidade de serviços e apoio proporcional ao contínuo de necessidades especiais encontradas dentro da escola.

Foram explicadas as regras do jogo solicitei que se dividissem em grupos de cinco ou seis, conforme a preferências dos alunos, distribuindo cinco bolinhas para cada um. Pedi, ainda, que cada grupo desenhasse um triângulo ou outra figura geométrica no chão, traçando uma linha a cerca de meio metro de distância. Foi explicado aos alunos que o objetivo era manter o maior número de bolinhas de gude de sua posse dentro do espaço demarcado, ao mesmo tempo em que se buscava retirar as bolinhas dos colegas através de tecadas, movimento típico do jogo.

Durante a aula, foi possível observar que, inicialmente, o aluno com síndrome de Down não queria deixar suas bolinhas dentro do triângulo. Depois que um colega insistiu, ele colocou e participou do jogo. Suas dificuldades de coordenação motora eram visíveis, mas, nesse momento, houve o *trabalho colaborativo da turma com o aluno*. Ele recebeu a ajuda dos colegas, que mostraram como realizar o movimento de jogar a bolinha de gude.

Mesmo assim, foi necessário o *acompanhamento do aluno com SD durante a atividade*. Tive que mediar a brincadeira, demonstrando algumas formas de executar a jogada. Mas a dificuldade permaneceu, provavelmente devido às limitações da motricidade fina, comuns em pessoas com síndrome de Down¹. Essa situação o impedia de manusear a bolinha de gude usando apenas os dedos indicador e polegar. Decidi, então, *flexibilizar as regras do jogo*, permitindo que o movimento fosse realizado da forma que o aluno com SD conseguiu executá-lo, ou seja, unindo os dedos num formato que lembrava uma canaleta, respeitando assim sua particularidade.

Após essas orientações, o professor deixou que a turma desenvolvesse o

¹ Cabe destacar que tal característica não é algo restrito a pessoas com síndrome de Down, como foi possível observar em outros alunos que também tiveram a mesma dificuldade.

jogo livremente nos grupos, mantendo-o inalterado até o final do tempo da aula.

Algumas dificuldades foram encontradas durante a aula, como a existência de dois grupos que reclamavam dos colegas que não estavam cumprindo as regras adequadamente, fazendo com que o jogo não fluísse.

Avaliação:

- O aluno SD participou durante a atividade com junto ao adulto e as outras crianças;
- O aluno SD compreendeu e respeitou parcialmente as regras implícitas e explícitas presentes durante a atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Na interação, o aluno SD demonstrou vínculo/empatia com os colegas de turma;
- Em relação à sua autonomia durante participação na atividade, o aluno SD precisou da ajuda de um colega e também do professor;
- Habilidades básicas: o aluno SD conseguiu lançar a bolinha do seu modo, após a flexibilização da regra do jogo.

Aula 02: Corrida do ovo

Material: Três colheres e três ovos

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira que desenvolve o controle motor e emocional dos alunos.



Fonte:

<https://escolaeducacao.com.br/provas-para-gincana/corrida-do-ovo/>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

A aula se iniciou, como em todas as demais aulas, com a *roda de conversas*, para que eu pudesse apresentar o conteúdo da aula e também fazer a *explicação das regras do jogo*. acredita-se que as brincadeiras e jogos baseados em regras são capazes, de alguma forma, de direcionar e preparar os alunos previamente para a vida em sociedade. Essa ideia é corroborada, por exemplo, por Antunes (2017), que relaciona os jogos com a aprendizagem, uma vez que promovem "sua relação interpessoal exaltando as regras do convívio", ou seja, as regras sociais implícitas. "Nesse sentido, toda essência do jogo se sintetiza em suas regras, pois é operando dentro de algumas regras e percebendo com clareza sua essência que vivemos bem e nos relacionamos com o mundo. Jogar é plenamente viver" (ANTUNES, 2017, p.

10).

Primeiramente, dividi o grupo em três equipes composta por dez alunos, que foram dispostos em filas lado a lado. Em seguida, tracei duas linhas no chão com aproximadamente três metros de distância entre elas, marcando uma como o ponto de saída e outra como o ponto de chegada. Expliquei que o objetivo era passar do primeiro ponto ao segundo equilibrando o ovo na colher, segurando-a pelo cabo com a boca ou as mãos.

Em seguida, os alunos iniciaram a atividade. Eles demonstraram estar bastante exaltados e alegres com a brincadeira, inclusive o aluno com síndrome de Down, que queria ser o primeiro a participar.

Dessa maneira, utilizou-se a estratégia de torná-lo o *protagonista dos jogos e brincadeiras desenvolvidos*. O objetivo era intermediar de maneira que esse aluno se sentisse confiante, incluído e, mais do que tudo, um elemento primordial para o desenvolvimento da brincadeira. Ser o personagem principal trouxe alegria e a melhora da autoestima, pois pôde, inclusive, ditar o ritmo da brincadeira. Porém, surgiram alguns problemas para executar o movimento, já que não conseguia manter a colher presa em sua boca nem a segurar com a mão fixamente.

Nesse momento, houve novamente o *trabalho colaborativo da turma*, já que um aluno pediu para mostrar ao colega SD como realizar o movimento de forma adequada. Deixei o aluno conduzi-lo e ensiná-lo, até que conseguisse levar o ovo ao ponto de chegada. Durante esse processo, o aluno com SD não fez nenhuma reclamação e gostou da ajuda recebida, conseguindo, em seguida, conduzir o ovo na colher sozinho, sem o deixar cair no chão. Quando a queda ocorria novamente, a *turma o incentivava* a tentar novamente, deixando-o mais empolgado.

Foi necessário que eu demonstrasse algumas vezes como pegar o objeto sem deixá-lo cair, apontando ainda que não era necessário correr durante o percurso, evitando o risco de derrubar o ovo. A orientação era de que andassem devagar para que ganhasse confiança e equilíbrio.

Ainda assim, optei por *flexibilizar as regras do jogo*, permitindo que o aluno com SD retomasse a caminhada do local em que o ovo caiu, em vez de retornar à linha de partida, como inicialmente era a regra do jogo.

Porém, algumas dificuldades foram encontradas, tais como discussão entre os alunos e empurrões entre eles, o que acabava tumultuando a aula.

Avaliação

Durante a atividade, o aluno SD:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças.
- Compreendeu e respeitou parcialmente as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas.
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia.
- Foi autônomo na aula, participando da atividade com ajuda de colegas.
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional.
- Habilidades básicas: conseguiu correr com ovo na colher sem deixá-lo cair e manteve o equilíbrio até chegar ao colega.

Aula 03: Mãe da rua

Material: giz e 02 cordas de 10 metros

Tempo: 50 minutos

Atividade: permite à criança maior liberdade e autonomia em se movimentar, interagir e socializar com os demais alunos.



Fonte:

<http://aprendernobrinca.blogspot.com/2011/04/jogo-de-rua-mae-da-rua.html>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira;
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, formei a *roda de conversa com os alunos* sobre o que seria realizado, apresentando uma explicação introdutória da atividade e algumas observações.

Demarquei duas linhas paralelas no chão a uma distância de aproximadamente 2,5 metros, escolhendo um aluno para ficar no meio das retas traçadas e posicionando os demais nos espaços exteriores, separado daquele que ocupava o centro. Em seguida, *expliquei as regras do jogo*, de forma que os alunos deveriam atravessar o espaço ocupado pelo aluno, pulando com a ajuda de apenas um pé para isso, evitando ainda ser tocado por ele. Caso isso ocorresse, o aluno tocado deveria ajudar a pegar os demais.

Alguns alunos, no entanto, não conseguiam se manter equilibrados em apenas uma das pernas, entre eles o aluno SD. Nesses casos, mediei a situação, *acompanhando o aluno SD durante a brincadeira*. Para tanto, peguei em sua mão, conduzindo-o até o local, para que ele entendesse quais movimentos deveria realizar. Mesmo assim, algumas dificuldades foram encontradas. À ocasião, o aluno SD ficou encostado na parede e chorou, pois ficou com medo da brincadeira. Além disso, alguns alunos discutiam com os colegas porque estavam pulando com os dois pés. Mesmo assim, após algumas tentativas, o aluno SD conseguiu participar com o grupo com mais confiança e segurança, realizando a atividade.

Avaliação

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas.
- Interagiu com os demais demonstrando vínculo/empatia.
- Foi autônomo na aula, participando da atividade sem ajuda de colegas.
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional.
- Habilidades básicas: conseguiu pular de um pé só parcialmente.

Aula 04: O gato e o rato

Material: nenhum material específico

Tempo: 50 minutos

Atividade: Oportuniza à criança várias formas de se expressar, como através do movimento dos corpos, dos gestos e da linguagem. Nela, a criança compartilha o espaço, socializa e se integra no grupo.



Fonte:
<https://museugrandesnovidades.com.br/brincadeira-a-do-gato-e-rato/>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira;
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, delimitei um espaço de aproximadamente dez metros quadrados com cones, indicando aos alunos que era o ambiente em que eles deveriam se manter durante a brincadeira. Em seguida, formei uma *roda de conversa* com os alunos para explicar as *regras do jogo*: a turma seria dividida em três grupos de aproximadamente dez alunos, que deveriam formar um círculo com oito deles, dispostos de mãos dadas. Os outros dois seriam o rato da brincadeira, que deveria ficar dentro do círculo, e o gato, situado do lado de fora. Quando os círculos

começassem a girar, inicia-se um jogo encenado:

O gato pergunta: seu rato está em casa?

A turma responde: não

O gato pergunta: a que horas ele chega?

A turma responde: às cinco horas.

A partir daí, o gato passa a perguntar as horas e a turma responde de forma aleatória até chegar às cinco. Nesse momento, o gato tenta entrar na roda para pegar o rato, que pode sair para escapar da perseguição.

Após a explicação, os alunos se dividiram nos grupos propostos, fazendo as três rodas. Neste momento, eles estavam bastante eufóricos, pois gostaram muito da brincadeira, inclusive o aluno SD, que deu as mãos aos colegas e começou a participar de forma descontraída, rindo muito. Assim, a atividade se desenvolveu de forma adequada e não houve dúvidas. O aluno SD se mostrou bastante empolgado com a brincadeira, correndo e fugindo do gato, escondendo-se atrás de outros colegas, que *colaboravam* ajudando-o a se esconder.

No momento em que ele foi tocado pelo gato, ficou bastante empolgado com a situação. Porém, quando iniciou a brincadeira nesse papel, teve muita dificuldade, pois ficava cansado ao correr. Nesse momento, o professor orientou individualmente aos demais alunos não corressem muito devido às limitações do colega, que prontamente *colaboraram* para que o colega não desistisse de brincar. Assim, ele conseguiu alcançar um dos ratos, o que fez com que vibrasse bastante.

Como dificuldades, elenca-se que alguns alunos se recusaram a dar as mãos aos colegas, gerando conflitos. Essa situação foi contornada com a mediação do professor.

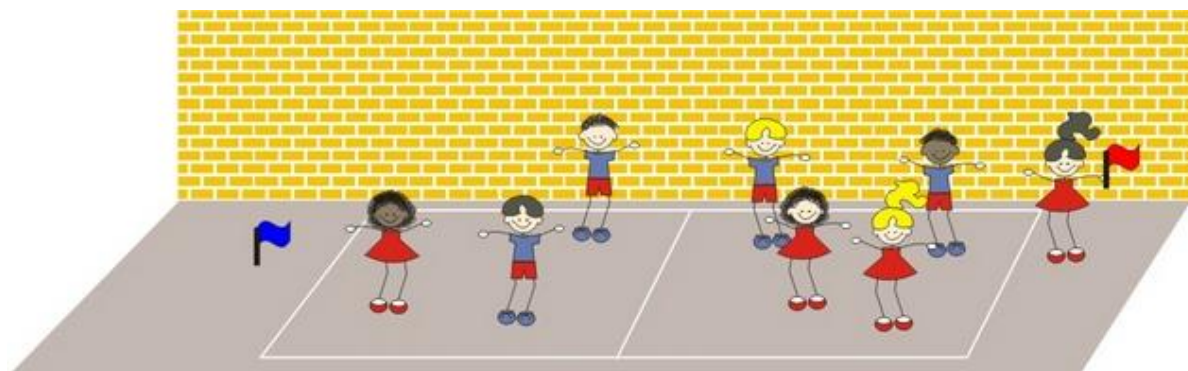
Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas.
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia.

- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento).
- Foi autônomo na aula, participando da atividade sem ajuda de colegas.
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional.
- Habilidades básicas: conseguiu correr e pegar os colegas.

Aula 05: Pique Bandeira



Fonte: <https://www.colegioweb.com.br/atividade-fisica-na-escola/rouba-bandeira.html>

Material: Duas bandeiras e giz

Tempo: 50 minutos

Atividades: brincadeira muito praticada no cotidiano das crianças que permite o envolvimento de todos com o trabalho em equipe, promovendo a cooperação, a interação e a socialização do educando.

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira;
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Inicie a atividade fazendo a *roda de conversa* e a *explicação das regras do jogo*.

Dividi os alunos em dois grupos com o mesmo número de crianças e delimito o campo, colocando em cada uma das extremidades uma bandeira. Cada grupo deveria se posicionar em seu campo e tentar, durante a brincadeira, roubar a bandeira da outra equipe, sem ser tocado por qualquer jogador adversário. Se isso ocorresse, o jogador deveria ficar preso no local em que foi pego, parado como uma estátua, até conseguir que um companheiro de sua equipe o salvasse, tocando-o. Os alunos podiam, ainda, puxar os colegas do time adversário para o seu campo, deixando-os presos, desde que esse processo ocorresse sem sair de seu campo. O objetivo da brincadeira consistia em pegar primeiro a bandeira do adversário.

No momento da escolha houve uma discussão entre duas alunas, que julgaram estar excluídas. Porém, pude mediar a situação de modo que elas participaram em outra equipe.

Após a explicação, os alunos se reuniram para pensar em estratégias e em seguida iniciaram a atividade dentro da normalidade. Em diversos momentos, foi possível perceber que os colegas estavam ajudando uns aos outros e estavam alegres e empolgados.

O aluno com síndrome de Down ficou junto à equipe, posicionado na defesa para pegar os outros colegas. Depois de algum tempo, veio para frente para tentar levar os adversários para o campo de sua equipe, puxando-os pela mão. Ele parecia estar feliz e concentrado no jogo. Em determinados momentos, tentou também pegar a bandeira e, em uma dessas situações, acabou sendo tocado pelo time adversário. Porém, ele não compreendeu que deveria ficar parado no lugar, aguardando um colega de equipe salvá-lo. Nesse momento, precisei *acompanhar a sua atividade*, orientando-o a permanecer no local, orientação que foi acatada sem maiores problemas.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto;

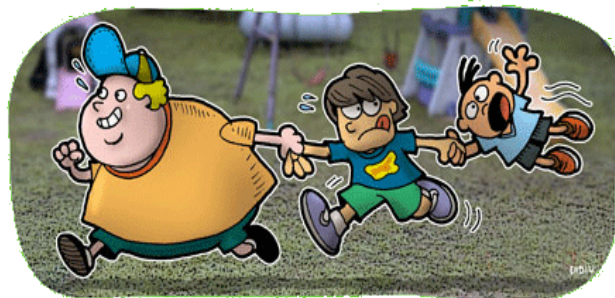
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas.
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional.
- A linguagem verbal e não-verbal foi observada na atividade.
- Habilidades básicas: conseguiu correr e pegar os colegas.

Aula 06: Corrente que pega gente

Material: nenhum material específico

Tempo: 50 minutos

Atividade: possibilita o desenvolvimento da noção espaço-temporal e das capacidades socioafetivas das crianças, como a cooperação.



Fonte:
<https://www.canalkids.com.br/diversao/brincadeiras/pegapega.htm>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira;
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, formei uma *roda de conversas* com os alunos, momento em que aproveitei para *explicar as regras* sobre a brincadeira: um aluno era escolhido como o pegador e deveria tocar em outras crianças, que estariam fugindo dele. Se tocado, o aluno passaria a ter a mesma função, devendo dar a mão ao pegador original para juntos tentarem tocar novas crianças. À medida que o jogo vai se desenvolvendo, uma grande corrente de pegadores vai se criando, já que todos vão se ligando pelas mãos. Assim, as pontas teriam a função de tocar novos colegas, aumentando ainda mais a corrente. A brincadeira termina quando todas as crianças forem pegas.

Os alunos se espalharam pelo pátio e começaram a correr para não serem pegos. Ao mesmo tempo, eles gritavam e riam, agitados com a brincadeira, provocando o pegador inicial e os demais que se juntavam a ele após serem tocados. O aluno SD, quando viu todos correndo, também correu e se escondeu atrás do muro da quadra, aparentando estar feliz com a brincadeira. Quando os pegadores iam ao seu encontro, *incentivando-o a participar a brincadeira*, ele gritava eufórico, mas não demonstrava medo. Ao ser tocado, ele espontaneamente juntou-se à corrente e começou a tentar pegar os demais colegas.

Um fator dificultador ocorria quando alguns alunos largavam as mãos dos colegas e iam pegar os outros. Dessa forma, os demais me questionavam e não aceitavam ser pegos por quem estava com as mãos soltas. Novamente, precisei mediar a situação para resolver os conflitos.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno conseguiu correr e pegar os colegas.

Aula 07: Corrida do bastão

Material: dois pedaços de madeira

Tempo: 50 minutos

Atividade: a brincadeira permite a participação de todos, a cooperação, o trabalho em equipe e desenvolvimento das capacidades físicas, cognitivas e afetivas.



Fonte:
<https://www.lean.org.br/artigos/406/passando-o-bastao.aspx>

Objetivos:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, após uma *roda de conversas*, dividi a turma em quatro grupos com o mesmo número de alunos em cada, colocando-os em fila atrás de uma linha demarcada em um dos cantos do pátio escolar. Na outra extremidade, tracei outra linha e coloquei um cone. Após isso, *expliquei as regras da brincadeira*: o primeiro aluno de cada fila receberia o bastão nas mãos, deveria correr até o cone, contorná-lo e retornar correndo até o grupo, entregando então o bastão ao próximo companheiro, que fará o mesmo percurso, até que todos os membros da equipe completem a atividade. O objetivo era fazer com que todo o grupo realizasse o percurso.

Os alunos ficaram bastante agitados e alegres com a brincadeira, pulando e gritando frases como “vamos ganhar”, atitude também realizada pelo aluno com síndrome de Down que, ao mesmo tempo, conversava com uma colega na fila, gesticulando e levantando as mãos para o alto enquanto repetia os gritos de guerra. Eles decidiram se reunir para decidir a ordem dos membros da equipe na fila.

Dado a ordem para iniciar a brincadeira, a turma conseguiu realizar a atividade sem dificuldade. O aluno com síndrome de Down, porém, não conseguiu segurar adequadamente o bastão devido à sua dificuldade com movimentos de apreensão. Nesse ponto, precisei *acompanhar a atividade do aluno*. Assim, fiz a mediação demonstrando como pegar o bastão e conduzindo-o durante a corrida até entregar o objeto ao próximo colega da fila. Daí em diante, o aluno com síndrome de Down sentiu-se confiante e foi correndo com o bastão na mão sem deixá-lo cair.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr, pegar e segurar o bastão.

Aula 08: Cabra Cega

Material: um lenço

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira que trabalha os sentidos, especialmente a audição e o tato, já que são as formas possíveis na atividade para encontrar alguém. Assim, foram trabalhadas a atenção e a percepção sensorial dos participantes.



Fonte:
<https://www.abcdobebe.com/comunidade/jogos-e-brincadeiras/cabra-cega/>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula

No início da aula, após uma *roda de conversas*, escolhi um aluno para ser a “cabra cega” e ter seus olhos vendados. Em seguida, *expliquei as regras do jogo*, de acordo com as quais a turma deveria girar próximo àquele aluno a fim de confundir a sua referência espacial. Depois, todos se espalharam pela área da brincadeira enquanto a “cabra cega” era solta para tentar capturar alguém e adivinhar quem é. Se errasse, deveria continuar a brincadeira até pegar outro colega. Se acertasse, o aluno

capturado passaria a ser a cabra cega.

Para evitar acidentes, delimitei o espaço a um pequeno trecho do pátio em que não havia nenhum objeto ou obstáculo. Nesse espaço, os alunos se espalharam e começaram se movimentar em volta da cabra cega. Alguns faziam barulho com os pés e assoviavam para chamar sua atenção.

No início da atividade, o aluno com síndrome de Down ficou muito próximo de uma colega porque estava com medo da “cabra cega”, mas, aos poucos, e por meio de *incentivo da turma*, foi se acostumando com a brincadeira. Em diversos momentos, ele quis dispensar a atividade, assim como outros colegas, que diziam que o sol estava muito quente. Quando participava, nos momentos em que o aluno vendado se aproximava dele, se agarrava à mão da colega e corria pelo pátio até determinado local para não ser pego.

Quando ocorreu de ser pego e foi vendado, o sentimento de medo surgiu. Nesse ponto, precisei *acompanhar a sua atividade* e mediar a situação. No início, peguei sua mão e o guiei para tentar pegar os demais colegas de turma, para que fosse ganhando confiança e aos poucos perdesse o medo. Após algum tempo, ele conseguiu fazer a atividade sem o sentimento, mesmo com mais dificuldade devido às suas limitações motoras.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

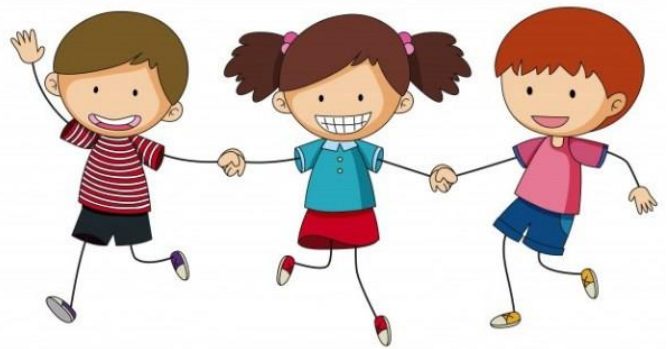
- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e pegar o colega.

Aula 09: Barreira

Material: não foi utilizado nenhum material

Tempo: 50 minutos

Atividade: visa a desenvolver o trabalho em equipe, a cooperação e a socialização, melhorando ainda a atenção dos educandos e sua coordenação motora.



Fonte:
<http://verdadeiramentevosdigo.blogspot.com/2019/09/cinco5-brincadeiras-para-ebf-e-ebd.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula

No início da aula, levei os alunos para o pátio da escola e realizei a *roda de conversas*. Em seguida, dividi-os em duas equipes, *explicando as regras*: cada uma deveria escolher um aluno para ser o prisioneiro, que ficaria sobre a linha de fundo, de frente para a equipe oposta.

Na quadra, tracei uma linha central, em que as equipes foram alinhadas de costas uma para a outra, de mãos dadas, com os corpos bem unidos, formando uma barreira. Um aluno de cada lado foi escolhido para ficar em frente ao grupo oposto.

Expliquei que quando dissesse “barreira!”, os alunos em questão deveriam tentar de todas as maneiras passar no meio dos colegas da equipe adversária, que o acompanhariam de um lado ao outro dentro do espaço delimitado, impedindo-o de chegar até a sua equipe. Cada aluno da turma iria assumir em algum momento a essa função.

Após a explicação, os alunos deram as mãos e fizeram a barreira. Quando começou a brincadeira, eles ficaram eufóricos e concentrados na atividade. O aluno com síndrome de Down também estava alegre e ficou junto com os colegas, de mãos dadas para completar a barreira.

Quando escolhido para ser o prisioneiro, o aluno com síndrome de Down, a princípio, ficou confuso, não sabendo exatamente como agir diante da barreira para chegar ao outro lado. Nesse momento, precisei mediar, conversando com o aluno para indicar o que ele deveria fazer. Como ainda ficou indeciso, decidi *acompanhá-lo na atividade*, pegando-o pela mão e mostrando como tentar atravessar. Assim, o aluno sentiu-se mais confiante e, aos poucos, foi tentando transpor a barreira sozinho, até conseguir atravessá-la, momento em que ficou bastante feliz, vibrando com sua conquista.

Mesmo assim, em alguns momentos, o aluno SD se distanciou da atividade, pegou um bambolê e ficou brincando sozinho. Em seguida, preferiu desenhou no chão com o giz que o professor levou para a brincadeira. Porém, com o inventivo, ele voltou à atividade em grupo.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;

- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr com um pé só até o local determinado.

Aula 10: Cesta fugitiva

Material: dois baldes e uma bola de dente de leite

Tempo: 50 minutos

Atividade: através desse jogo, a criança passa a entender e a estabelecer regras por si mesma ou pelo grupo, o que possibilita resolver possíveis conflitos gerados no momento da atividade.



Fonte:
<https://escolaeducacao.com.br/brincadeiras-com-bola/>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, após uma *roda de conversas*, dividi a turma em equipes de cinco alunos cada, pedindo que escolhessem entre eles uma pessoa de cada time para segurar a cesta (balde). Informei que, de acordo com *as regras do jogo*, esse par seria substituído a cada cinco minutos para todos jogarem. O objetivo é acertar a bola na cesta do adversário, que deve movimentá-la o tempo todo, fugindo sempre – daí o nome do jogo. A cada ponto marcado, a posse da bola passa para a outra equipe. As regras são semelhantes às do basquete, com mais flexibilidades: o aluno que estava com a bola precisa dar um quique no chão e tocar para o colega.

Após as explicações, os educandos se dividiram no campo delimitado, de

aproximadamente dez metros quadrados, cada um para o seu lado, e começaram a jogar. Eles estavam alegres e concentrados no jogo. Quando acertavam a cesta, gritavam e pulavam felizes. Enquanto isso, as equipes que estavam sentadas torciam com entusiasmo pelos seus colegas.

O aluno com síndrome de Down participou da primeira equipe a entrar em campo. Porém, quando a bola foi lançada para ele, ficou parado, sem saber o que fazer. Por isso, precisei *acompanhar a sua atividade*, orientando-o a tocar a bola para o colega até a cesta. Ele tinha dificuldade para realizar o quique para, em seguida, passar a bola aos colegas. Então, *flexibilizei as regras do jogo* e o orientei a apenas receber a bola e tocar. Isso foi feito algumas vezes para que ele ganhasse mais prática até conseguir realizar o movimento adequadamente e fazer o arremesso à cesta. Ainda assim, ele tinha muita dificuldade devido às suas limitações motoras e cognitivas. Com isso, foi possível perceber que estava desanimado para participar, e acabou ficando um pouco parado na parede da quadra, conversando com o colega.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu lançar a bola parcialmente.

Aula 11: Cabo de Guerra

Material: uma corda grande e três pedaços de lenço

Tempo: 50 minutos

Atividade: o cabo de guerra, também conhecido por jogos da corda, é uma atividade esportiva que envolve força e cooperação, em que duas equipes disputam entre si.



Fonte:
<https://unidospelavida.org.br/toemcasadica34/>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Após a *roda de conversa*, pedi à turma para se separarem em quatro equipes mistas (formadas por meninos e meninas) no pátio da escola. Em seguida, tracei uma linha divisória no centro do pátio, estendendo de ambos os lados uma corda, com um lenço amarrado em seu centro.

Após organizar o ambiente, *expliquei as regras do jogo*: cada equipe deveria segurar a corda do seu lado da linha, ficando em posição de puxar. Ao meu sinal, os alunos deveriam puxá-la até conseguir trazer a equipe adversária para o seu lado.

Inicialmente, o aluno com síndrome de Down não conseguiu realizar adequadamente a tarefa, pois tinha dificuldades de segurar a corda com força. Ele estava com medo de participar da atividade. Nesse momento, intervi colocando-o no final da corda para que, assim, não fosse necessário fazer muita força e nem corresse o risco de se chocar com algum colega da equipe que estivesse puxando com mais vigor. Dessa maneira, ele se sentiu mais confiante e participou até o final da aula, apesar de em alguns momentos ter se retirado para descansar devido ao esforço físico que fez durante o jogo.

Outra dificuldade que surgiu foi referente a desentendimentos no começo a atividade, o que acarretou em um pequeno tumulto na escolha do time. A solução foi encontrada com base na mediação da situação.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu puxar a corda.

Aula 12: Corrida do Saco

Material: três sacos de tecido

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira muito popular, que faz muito sucesso entre as crianças. A brincadeira consiste em alcançar a linha de chegada primeiro que os colegas, pulando com o saco.



Fonte: <https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/515331-vetor-de-corrída-de-saco>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, fiz uma *roda de conversas* e um exercício de alongamento com os alunos. Em seguida, tracei duas linhas paralelas no chão a uma distância de cerca de dez metros uma da outra. Então, dividi a turma em três grupos de 10 alunos, formando com cada um deles uma coluna em frente a uma das linhas. Por fim, entreguei um saco para cada grupo.

Após organizar o ambiente, *expliquei as regras da brincadeira*: o primeiro de cada fila deveria vestir o saco e o segurar com as mãos na altura da cintura. Ao sinal do professor, o aluno deveria sair pulando até a marcação oposta e voltaria, também

pulando. Em seguida, passaria o saco ao segundo participante. O processo seria repetido até que todos os integrantes completem a atividade.

Finalizada a explicação, os alunos começaram a conversar dentro das equipes para escolherem a ordem da fila, colocando na frente aqueles considerados os mais rápidos.

Boa parte da turma conseguiu realizar a atividade adequadamente, menos três alunos, dentre eles o com Síndrome de Down. No caso, eles não conseguiam segurar o saco e pular com ambos os pés ao mesmo tempo. Nesse momento, precisei intervir e *acompanhou a atividade*, demonstrando na prática como pular, orientando a segurarem firme com as mãos o saco para ele não cair e a fazerem o percurso devagar para terem mais equilíbrio.

Após algumas tentativas, os dois estudantes conseguiram realizar a atividade adequadamente, o que não ocorreu com o aluno com síndrome de Down: às vezes ele andava; às vezes ele pulava. Vendo isso, considerei a sua atitude em realizar o percurso devido às suas limitações motoras e *flexibilizei as regras* para que continuasse a atividade de sua forma. Assim, ao longo do jogo, o aluno participou grande parte do tempo, exceto quando pedia para beber água, ir ao banheiro ou descansar por uns alguns minutos por causa do sol forte.

Alguns alunos acabaram abandonando a atividade para se sentar à sombra e conversar. Outros, inclusive uma aluna com baixa visão, pediram para não participar. Diante dessa dificuldade, precisei buscar por estratégias que fizessem com que todos os alunos se engajassem na aula. Busquei incentivá-los a participar mas, em determinado momento, deixei que se ausentassem.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;

- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down não conseguiu pular.

Aula 13: Pula Corda

Material: cordas

Tempo: 50 minutos

Atividade: desenvolve habilidades corporais básicas e a interação em pequenos grupos, além da possibilidade de introduzir e desenvolver a ideia de diversificação e transformação de estruturas lúdicas convencionais. Esta brincadeira pode ser vista ainda como uma interessante e divertida forma de cultivo e valorização da cultura lúdica tradicional de nosso país.



Fonte:
<https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/pular-corda-une-diversao-vida-saudavel-12980704.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Iniciei a aula organizando a turma em círculo a fim de fazer uma *roda de conversas*, apresentar o conteúdo a ser ministrado na aula e as *regras do jogo*: informei que os dividiria em grupos de seis alunos e cada equipe receberia uma corda. Em equipe, deveriam escolher quais seriam os dois colegas que inicialmente ficariam na corda e quais iriam iniciar a brincadeira. Em seguida, os grupos deveriam se dispor em uma fila para que cada aluno tivesse a oportunidade de pular, sendo que, ao final, os dois alunos que estavam batendo a corda seriam substituídos para também

brincarem.

O aluno com síndrome de Down, num primeiro momento, ficou na fila olhando e conversando com uma colega, até chegar a sua vez pular. Nesse momento, teve dificuldades pois não conseguia saber o momento exato de pular, prendendo-se na corda algumas vezes. Assim, achei necessário *acompanhar a atividade*, demonstrando ao aluno como pular. Como estratégia, utilizei as palmas. Orientei-o a pular toda vez que ouvisse o som das palmas. Assim, ele conseguiu compreender o ritmo e pular a corda.

Além disso, fui incluindo aos poucos outras formas de pular corda, como “cobrinha”, chicotinho queimado e passar direto, métodos que ele teve mais facilidade. Empolgado com o sucesso, o aluno participou ativamente da aula.

Durante a aula, o aluno SD ficou cansado e pediu para ficar sentado na sombra debaixo da árvore com um colega com quem tinha intimidade. Nessa ocasião, optei por deixá-lo conduzir a decisão de sua participação.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

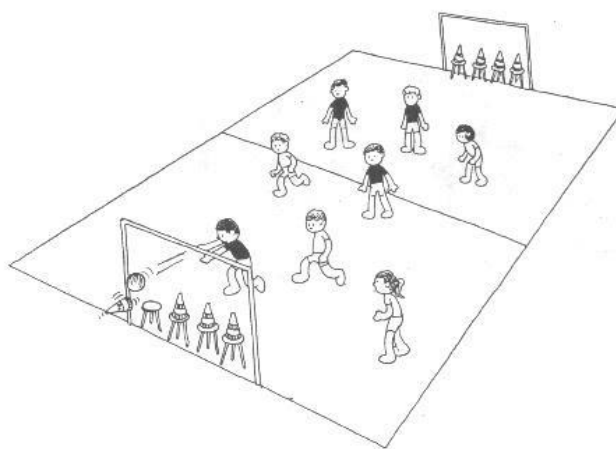
- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu pular a corda parcialmente.

Aula 14: Handebol de Baliza

Material: cadeiras e cones

Tempo: 50 minutos

Atividade: jogo baseado na troca de passes e arremessos entre os membros das equipes, trabalhando assim aspectos motores dos participantes, além da cooperação entre os membros do grupo.



Fonte:

<http://cesfmaragogipe.blogspot.com/2008/12/handebol-de-baliza.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, fiz um círculo com os alunos para fazer um alongamento e *conversar sobre a atividade*. Em seguida, delimito no pátio o espaço em que ocorreria a brincadeira, colocando em cada extremo duas cadeiras com três cones sobre elas. Depois, dividi os alunos em três grupos com aproximadamente dez componentes, determinando que dois iniciariam o jogo, que duraria cinco minutos, enquanto o outro aguardaria sua vez. Três alunos desse último grupo ainda participariam como juizes.

Em seguida, *expliquei as regras do jogo*: a partida iniciaria no centro do

campo delimitado com os alunos jogando a bola com as mãos para os colegas da mesma equipe, movimentando-se em direção ao gol, para onde a bola deveria ser arremessada a fim de derrubar um dos cones. A cada cone atingido, a bola passa para a outra equipe. O objetivo final era conseguir derrubar os três cones da equipe adversária primeiro.

O aluno com síndrome de Down fez a atividade dentro de suas possibilidades, mas apresentou certa dificuldade na hora de receber a bola dos colegas, deixando-a cair algumas vezes, o que, de acordo com as regras do jogo, faria com que a bola fosse devolvida para a outra equipe. Nesse momento, pedi aos colegas de turma que *colaborassem* e se aproximassem mais do aluno quando fossem arremessar a bola para ele. Assim, ele conseguiu realizar adequadamente a atividade. A cada vez que conseguiu derrubar o cone do time adversário, a equipe vibrou bastante, *incentivando-o*. O aluno com Síndrome de Down se mostrou bastante feliz por estar participando com seus colegas.

Como dificuldades, elenca-se que, em alguns momentos, os alunos discutiram porque os colegas não queriam passar a bola para os demais participantes, o que gerou conflitos na atividade.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

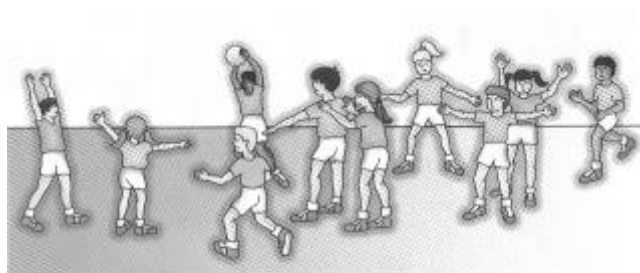
- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com Síndrome de Down conseguiu lançar a bola.

Aula 15: Jogo dos 10 passes

Material: uma bola

Tempo: 50 minutos

Atividade: permite a integração dos alunos e faz com que eles trabalhem em grupo, melhorando o processo de cooperação.



Fonte:
<http://educaofisica5j.blogspot.com/2010/11/jogos-pre-desportivos.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, fiz um círculo com os alunos para fazer um alongamento e *conversar sobre a atividade*. Em seguida, dividi a turma em quatro equipes e delimito o pátio da escola em dois espaços de aproximadamente quatro metros cada, em que aconteceriam dois jogos ao mesmo tempo, marcando esses ambientes com a colocação de uma trave no extremo de cada campo.

Então, *expliquei as regras do jogo*: o time que saísse com a bola teria que marcar um gol dando dez passes em direção ao goleiro, sem deixar a bola cair no chão. Caso isso acontecesse, a bola passaria para a equipe adversária. Ao mesmo tempo, o outro time deveria tentar impedir o rival de fazer gols. Para isso, os jogadores

poderiam dar tapas na bola para derrubá-la ou pegá-la no momento em que ocorresse o passe. Em ambas as situações, os pontos do grupo que tinha a posse da bola seriam anulados e a vez de tocar entre seus membros passaria para o time adversário. Dados os dez passes sem fazer gol, a bola deveria ser arremessada em direção ao goleiro. Feito o gol, a bola passa para a outra equipe.

Após a explicação, o jogo foi iniciado, transcorrendo dentro da normalidade, na maior parte do tempo. No primeiro jogo, o aluno com síndrome de Down ficou apenas observando, enquanto gritava e gesticulava com as mãos, torcendo para seus colegas. Quando foi a vez de sua equipe, ele ficou um pouco parado no início, observando os colegas tocando a bola. Quando a recebeu, ficou sem ação, sem saber como agir. Nesse momento, decidi *acompanhá-lo* e mostrar a ele como deveria fazer para tocar a bola para os colegas. Para isso, ele foi contando em voz alta os dez passes para que compreendesse melhor a brincadeira. Ainda assim, ele teve dificuldade para arremessar a bola com apenas uma mão. Por isso, houve a *flexibilização da regra do jogo* e deixei que ele arremessasse com as duas mãos. Além disso, orientei os demais colegas para tocarem a bola mais próximo do aluno com síndrome de Down para que ele conseguisse alcançá-la.

Novamente, a maior dificuldade era a dispersão de alguns alunos durante a aula, que saíam para brincar de outras coisas ou para fugir do sol. O aluno SD, às vezes, saía da aula e entrava na quadra que estava interdita, também como forma de não fazer a atividade. A solução foi baseada na mediação e no incentivo para que participassem junto com os demais.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;

- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e passar a bola.

Aula 16: Pique-pega

Material: nenhum material específico foi utilizado

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira simples, de fácil execução, pois não necessita de nenhum material específico. Além disso, ela desenvolve a noção espaço-temporal e os movimentos fundamentais da locomoção, como andar e correr, entre outros, promove ainda a participação, a socialização e a interação.



Fonte:
<http://crinfancia.blogspot.com/2013/08/pega-pega-ou-pique-pega-informacoes-e.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Iniciei a aula explicando *as regras da brincadeira*: o pegador deve correr atrás de outras crianças com o objetivo de tocá-las. Quando isso ocorre, a criança se torna a pegadora e passa a tentar tocar outros colegas, inclusive o antigo pegador, ingressa no grupo que está fugindo. A brincadeira termina quando todas as crianças passassem pela posição de pegador ou quando for solicitado pelo professor.

Após a explicação, os alunos se espalharam pelo pátio e, após o apito,

começaram a correr livremente, fugindo do pegador, escolhido inicialmente por mim. Nesse momento, o aluno com síndrome de Down teve a mesma atitude que os demais e se escondeu atrás de uma árvore junto com uma colega de turma, de quem é mais próximo. Ele estava bastante eufórico e até mesmo entusiasmado com a expectativa de ser pego e assim participar mais ativamente da brincadeira. Quando isso ocorreu e ele passou ao *papel de protagonista do jogo*, ele gritou, bastante empolgado, e logo em seguida correu em direção aos demais alunos, tentando pegá-los. Assim, durante toda a aula, ele participou ativamente e só se ausentou para beber água ou sentar-se devido ao sol e cansaço físico.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e pegar.

Aula 17: Futebol de casal

Material: duas traves pequenas

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira em grupo que favorece alguns princípios como o compartilhar, a cooperação, a liderança e a obediência às regras.



Fonte:
https://br.pinterest.com/pin/658581145485810122/?nic_v2=1aWhjygCu

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, foi feita uma *roda para conversar com os alunos sobre a atividade* e as *regras do jogo*, semelhantes às do futebol, com uma exceção: os alunos devem se dividir em duplas e ficar durante todo o tempo da atividade de mãos dadas. Coloquei um par de trave no pátio para delimitar o gol e distribui duas duplas, enquanto os demais alunos atuavam como juizes ou participavam da torcida pelos colegas em campo, que seriam substituídos assim que alguma das duplas fizesse o gol.

Ao apito, as duplas começaram a jogar. No início, os alunos reclamaram bastante porque não podiam soltar as mãos, o que causava certo desequilíbrio entre eles, acostumados a jogarem livremente. Além disso, os meninos não queriam pegar na mão das meninas, enquanto as meninas reclamavam que os meninos corriam

muito depressa. Busquei explicar que era exatamente essa a regra do jogo, mostrando que era preciso cooperação e entrosamento na dupla para que pudessem realizar a tarefa.

O aluno com síndrome de Down reclamou, ainda, que a aluna com quem estava apertava sua mão com muita força. Nesse momento, precisei mediar a situação, conversando com a aluna e mostrando que não era necessário aplicar muita força. Assim, a dupla conseguiu realizar a tarefa adequadamente e o aluno não reclamou novamente, mostrando-se disposto e interessado no jogo.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

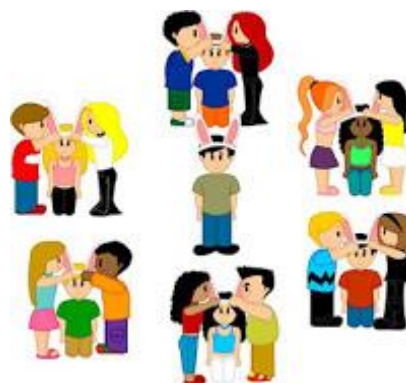
- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e pegar

Aula 18: Coelho sai da toca

Material: nenhum material específico é utilizado.

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira que trabalha questões motoras ao mesmo tempo em que exercita a ludicidade da criança.



Fonte:
<http://tecef.blogspot.com/2011/03/coelhinho-sai-da-toca.html>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, fiz uma *roda de conversas* e ao mesmo tempo um alongamento. Logo em seguida, separei grande parte dos alunos em trios, indicando *as regras do jogo*, de forma que dois deles deveriam ficar de mãos dadas para formar as chamadas “tocas” e o terceiro ocuparia o lugar do coelhinho dentro da toca (entre os dois colegas de mãos dadas). Os demais alunos da turma seriam os coelhos perdidos, ou seja, aqueles que estavam fora das tocas.

A brincadeira começa quando se grita “coelhinho sai da toca, um, dois, três”, momento em que as tocas levantam os braços e todos deveriam buscar uma nova toca, inclusive aqueles que estavam perdidos. Quem não conseguir entrar, fica

no centro, esperando nova oportunidade. Destaquei, ainda, que ao longo da atividade, aqueles que estavam formando as tocas trocariam de posição, para que todos pudessem participar em todas as posições.

O aluno com síndrome de Down iniciou a atividade de mãos dadas com uma colega, fazendo o papel de toca. Depois, passou a ser o coelho e começou a correr para entrar na toca, mostrando-se muito alegre e com disposição. Ao longo de toda a brincadeira, mostrou-se bastante entusiasmado.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e pegar.

Aula 19: Corrida de jornal

Material: jornal

Tempo: 50 minutos

Atividade: atividade que trabalha questões motoras, além do controle emocional dos alunos.



Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Fonte:
<https://pt.vecteezy.com/arte-vetorial/272216-jornal>

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, realizei uma *roda de conversas* e, ao mesmo tempo, um alongamento. Logo em seguida, dividi a turma em três equipes, distribuindo três folhas de jornais para cada aluno. Em seguida, coloquei-os em fila e delimitei o espaço no pátio: foi traçada uma linha em frente às três equipes e outra cerca de dois metros depois.

Então, expliquei *as regras do jogo*, informando que, quando apitasse, o primeiro aluno da fila de cada equipe deveria colocar o jornal no chão à sua frente e pisar sobre ele, colocando em seguida a outra folha para pisar, prosseguindo assim até atingir a linha de chegada. Como regra, não era permitido pisar fora do jornal. O

objetivo era que todos integrantes da mesma equipe terminem o percurso.

O aluno com síndrome de Down apresentou dificuldade de colocar o papel no chão a uma distância adequada para que conseguisse dar o próximo passo, pois colocava-o muito distante e, por isso, não o alcançava.

Nesse ponto, busquei *acompanhar a atividade do aluno*, dando exemplos na prática e pedindo, ainda, a *colaboração* de dois alunos com mais habilidade para acompanhar os colegas com dificuldades. Mesmo assim, o aluno com Síndrome de Down não conseguiu realizar a atividade e reclamou bastante, dizendo que não queria brincar mais, parecendo bastante aborrecido. Após tentar *incentivá-lo* novamente, sem sucesso, optei por atender seu pedido de não continuar a participar da brincadeira.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e pegar.

Aula 20: Corrida do lenço

Material: lenço

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira em equipe que trabalha a cooperação e o desenvolvimento motor.



Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Fonte:

<https://minutodosaber.com/2012/02/sessao-nostalgia-barra-bandeira/>

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, realizei uma *roda de conversas* e, ao mesmo tempo, um alongamento. Em seguida, dividi a turma em duas fileiras, formando duas equipes. Os alunos de cada equipe se posicionaram atrás da linha divisória central da quadra, de frente para as traves. Entreguei ao primeiro aluno de cada equipe um lenço e, em seguida, *expliquei as regras da brincadeira*.

Ao meu sinal, o primeiro aluno de cada equipe deveria correr até a trave, amarrar o lenço e voltar, ocupando o último lugar da sua fileira. O segundo aluno, então, sai correndo, desamarra o lenço e retorna, entregando-o ao próximo aluno da equipe, que sai correndo e amarra novamente o lenço na trave, até que todos tenham realizado a atividade.

Após a explicação, os alunos se separaram em duas equipes mistas e formaram a fila. Durante esse período, os alunos ficavam conversando, gritavam, pulavam e provocavam os outros colegas. O aluno com síndrome de Down também repetia essas atitudes, enquanto gesticulava com os braços e abraçava uma colega próxima.

Durante a brincadeira, o aluno com síndrome de Down conseguiu compreender o objetivo, correu até o local indicado para amarrar o lenço, mas não conseguiu dar o nó com o pano. Então, pedi a *colaboração* de um aluno para ensiná-lo. Vendo que ainda assim ele não conseguiu realizar essa parte da atividade, precisei *acompanhá-lo*, correndo junto com ele e observando-o amarrando o lenço na baliza com certa dificuldade. A amarração não ficou firme, pois o aluno tem dificuldades de executar esse tipo de movimento com os dedos, o que fazia com que o lenço caísse. Mesmo assim, considerei o esforço do aluno e dei continuidade à brincadeira.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com Síndrome de Down conseguiu correr e amarrar parcialmente.

Aula 21: Vôlei lençol

Material: um pedaço de TNT e bola

Tempo: 50 minutos

Atividade: trabalha principalmente a cooperação entre os membros do grupo, além de permitir a participação de todos.



Fonte: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/2659/jogo-volencol>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

Inicialmente, estendi uma corda com altura de aproximadamente 1,5m no meio do espaço delimitado, separando-o em dois, como uma quadra (com a corda no lugar da rede de vôlei). Então, após a *roda de conversas*, dividi a turma em 4 grupos, sendo que dois ficaram em campo e outros dois na reserva para entrar depois.

Em seguida, *expliquei as regras*, de forma que cada um dos grupos deveria segurar o tecido (cortado do tamanho aproximado de um lençol) estendido, com a participação de todos os integrantes. A bola seria lançada pelo grupo iniciante no intuito de arremessar a bola para o outro lado da quadra, como se fosse um saque, enquanto o outro grupo deveria receber a bola da mesma forma, com seu tecido, sem deixá-la cair no chão, como acontece no voleibol, lançando-a de volta sempre por cima

da corda.

Após a explicação, a aula teve início e cada equipe ficou atenta para ver onde a bola podia cair, andando de um lado para o outro. Durante a tarefa, o aluno com Síndrome de Down estava muito alegre e dizia que tinha gostado da brincadeira, que era muito legal, enquanto segurava o lençol com os colegas. Ele conseguiu realizar o movimento junto com os outros alunos com um pouco de dificuldade e, em alguns momentos, deixou o lençol cair. Nessas situações, os alunos do seu time não brigaram com ele, apenas o *incentivaram*, apontando que não deveria soltar o lençol.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr e amarrar parcialmente.

Aula 22: Cesta humana

Material: duas cadeiras, dois baldes e uma bola de basquete

Tempo: 50 minutos

Atividade: brincadeira que desenvolve o trabalho em equipe, a cooperação e promove a participação de todos.



Fonte: https://pt.pngtree.com/freepng/cartoon-little-boy-playing-basketball-is-commercially-available_4027908.html

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, após a *roda de conversas* e a *explicação da regra do jogo*, a turma foi separada em quatro equipes. Fiz uma marcação no pátio com vários cones, dividindo o campo em duas partes, onde duas equipes foram distribuídas. Havia ainda duas cadeiras em cada campo dentro da área riscada no chão. Cada equipe escolheu um colega para ser a cesta humana, ou seja, quem deveria ficar de pé, em cima da cadeira.

Com o início do jogo, o time com a posse da bola deveria realizar passes

entre si ou drible em direção ao colega de equipe que estava em cima da cadeira, arremessando a bola sem ultrapassar a área delimitada no chão. Se o aluno na cadeira conseguir agarrar a bola, será ponto para sua equipe. As equipes eram trocadas quando uma delas fazia cesta ou quando se passava 5 minutos sem nenhuma cesta marcada.

Quando a equipe do aluno com síndrome de Down começou a jogar, ele ficou parado esperando que os colegas passassem a bola, mas parecia estar empolgado com a brincadeira. Quando recebeu a bola pela primeira vez, teve alguma dificuldade de segurá-la, o que o deixou com medo e inseguro, por ser uma brincadeira que não conhecia.

Ele teve ainda alguns problemas motores com a brincadeira, pois não conseguia segurar a bola com apenas uma mão nem a quicar no chão. Nesse momento, houve a *flexibilização das regras do jogo*. Então, pedi para um aluno ficar mais próximo dele para passar a bola de perto, o que o permitiu segurar bem a bola e arremessá-la na cesta. Também *acompanhei de perto a atividade*, participando tocando a bola junto com o aluno com Síndrome de Down até ele chegar à cesta e arremessar.

Ao longo da aula, sua equipe ganhou duas partidas, momento em que ele ficou bastante feliz.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu arremessar e passar a bola.

Aula 23: Passar o arco pelo corpo

Material: dois bambolês

Tempo: 50 minutos

Atividade: consiste em trabalhar a socialização, a cooperação, além de estimular a coordenação motora grossa, a velocidade e a concentração.



Fonte: https://br.freepik.com/vetores-premium/linda-garota-girando-bambole_3136584.htm

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, após a *roda de conversas*, coloquei dois bambolês próximos e, há aproximadamente seis metros de distância deles, demarquei uma linha no chão do pátio e dividi a turma em duas colunas dispostas atrás da marcação com a mesma quantidade de alunos. Em seguida, *expliquei as regras do jogo*: ao apitar, o primeiro de cada coluna deveria sair correndo até o bambolê, levantá-lo e passá-lo por sobre sua cabeça até voltar ao chão, sem soltá-lo. Assim que ele colocasse o objeto no chão, voltaria para a fila para que o próximo fizesse o mesmo movimento, até finalizar a coluna.

Após a explicação, a brincadeira foi iniciada e os alunos jogaram normalmente. De início, o aluno com síndrome de Down ficou parado, olhando os

colegas, e parecia não gostar da atividade, pois fez cara feia na hora de praticar. Apesar de ter conseguido correr, na hora de jogar o bambolê por sobre a cabeça, não conseguiu coordenar o movimento e não sabia como levá-lo até o chão sem soltá-lo. Por isso, levantava o arco e o jogava sobre a cabeça até cair no chão.

Nesse momento, parei a atividade dos dois lados para mostrar como ele deveria fazer. Pedi, ainda, que um outro colega *colaborasse* mostrando como realizar o movimento. Em seguida, *incentivei-o* a realizar o movimento.

Apesar das explicações, o aluno não conseguiu fazer a atividade e ficou bastante chateado com a situação. Ele conseguia levar o bambolê até o peito, onde o arco parava. Em seguida, irritado, ele o retirava e colocava no chão, voltando para a fila. Na segunda vez em que iria realizar o movimento, o aluno desistiu, deixando a fila e ficando na escada até o final da prova, mostrando-se bastante aborrecido.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down não conseguiu passar o arco pelo corpo.

Aula 24: Elefante colorido

Material: nenhum material foi utilizado

Tempo: 50 minutos

Atividade: a brincadeira consiste no trabalho em equipe, cooperação, socialização e participação de todos.



Fonte: <https://museugrandesnovidades.com.br/elefante-colorido-brincadeira/>

Objetivo:

- Fazer com que os alunos compreendam as principais regras da atividade e sejam capazes de desenvolvê-la em grupos;
- Promover a interação entre os alunos na realização da atividade proposta.

Procedimentos:

- Realizar roda de conversa com a turma sobre a brincadeira,
- Explicar as regras do jogo;
- Incentivar a criança com síndrome de Down a participar das atividades de forma colaborativa com a turma, flexibilizando a brincadeira proposta para que o aluno possa participar.

Descrição da aula:

No início da aula, foi feito uma *roda para conversar* com os alunos sobre a brincadeira e *as regras do jogo*. Delimitei um pedaço do pátio de aproximadamente 15 metros quadrados por onde os alunos poderiam correr. Quatro alunos foram colocados como pegadores por causa da quantidade de alunos.

Em seguida, iniciei a brincadeira informando uma cor específica e dizendo que todos deveriam procurar algo em que ela estivesse presente e manter a mão encostada. Enquanto isso, os pegadores deveriam correr para pegar os participantes que ainda não encostaram a mão na cor dita. Se o aluno fosse pego, deveria ajudar a

pegar os outros, aumentando assim o número de pegadores à medida que eles eram tocados.

Ao sinal, os alunos começaram a correr para tocar na cor indicada pelo pátio da escola. Eles estavam empolgados, alegres e animados. O aluno com síndrome de Down começou a correr juntos com os colegas, mostrando-se alegre e sorridente, com disposição para brincar. Porém, quando eu falava determinada cor, ele não sabia identificá-la no pátio. Então *acompanhei a atividade* encostando em várias cores diferentes, falando quais eram, para que ele pudesse compreender. Em seguida, pedi para um colega *colaborar* ajudando-o, chamando-o para acompanhá-lo na hora de tocar na cor. Aos poucos, ele começou a associar as cores aos objetos e conseguiu acompanhar melhor a brincadeira.

Avaliação:

Durante a atividade, o aluno com síndrome de Down:

- Participou junto com o adulto e as outras crianças;
- Compreendeu parcialmente e respeitou as regras implícitas e explícitas da atividade, participando ativamente das brincadeiras coletivas;
- Interagiu com os demais, demonstrando vínculo/empatia;
- Respondeu às atividades de modo adequado ao contexto (limite ou falta de limites no comportamento);
- Foi autônomo na aula participando da atividade sem ajuda de colegas;
- Iniciou e continuou diálogos, emitiu sons ou palavras durante as brincadeiras de forma intencional;
- Habilidades básicas: o aluno com síndrome de Down conseguiu correr mas compreendeu parcialmente o objetivo da brincadeira.

Conclusão

Ao final das vinte e quatro aulas analisadas, foi possível concluir que as atividades contribuíram para o processo de inclusão do aluno com Síndrome de Down, gerando benefícios sociais, afetivos e psicológicos, não apenas para ele, mas para toda a turma. As aulas foram, na verdade, um ponto de partida do processo de inclusão do aluno, já que essa convivência se estendeu para as demais atividades escolares, em outras disciplinas, bem como nas demais situações de convivência em sala de aula.

Era notável que, no início do ano, o aluno com Síndrome de Down ficava bastante isolado, não tendo um bom relacionamento com os demais colegas de classe, como mencionado por uma das alunas. Esse entendimento foi bastante modificado ao longo das aulas de Educação Física, quando o aluno passou a participar efetivamente das atividades junto à turma, o que se estendeu para as demais situações escolares.

Apesar de ser de difícil de mensurar com precisão seu desenvolvimento motor, é perceptível que ele conseguiu, ao longo das aulas, participar cada vez mais de atividades como correr, saltar, pegar a bola etc.

Acreditamos que a pesquisa vai oportunizar novas possibilidades de desenvolver atividades para crianças com Síndrome de Down e pode ser muito importante para a formação de novos professores que estão na fase inicial acadêmica, servindo como fonte de pesquisa para outros profissionais da educação. Mesmo tendo alcançado o resultado esperado, ainda são necessários mais estudos sobre essa temática para que possamos ter mais possibilidades para desenvolver trabalhos voltados para crianças com Síndrome de Down.

Referências

ANTUNES, Celso. **O jogo e a Educação Infantil**. Falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir. Petrópolis: Vozes, 2017, 73p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais**. Salamanca, 1994. Disponível em <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>>. Acesso em: 10 set. 2019.

PRIETO, R. G. **Atendimento escolar de alunos com necessidades especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil**. In: ARANTES, V. A. (Org.). **Inclusão escolar**. São Paulo: Summus, 2006. 104 p.